

Representações Sociais das estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia sobre o HIV

Juan Felipy Felix de Oliveira¹; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²; Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro³; Carlos Alberto Porcino⁴; José Vitor Araújo Rosa Ribeiro⁵.

¹Graduando em Odontologia (UFBA), Mestrando no Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/UFBA) - juan_felipy@hotmail.com

²Professora associada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA) - therezacoelho.ihac@gmail.com

³Professor associado do Instituto de Psicologia (IPS/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA) - jorgeluzdesales@gmail.com

⁴Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (UFBA) - carlos.porcino@outlook.com

⁵Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em saúde (UFBA) - rosavitor1996@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, que busca compreender as representações que as estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), da Universidade Federal da Bahia, têm acerca do vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Participaram deste estudo 34 alunas universitárias. Estas estudantes, em sua maioria, se referiram como heterossexuais (85%), brasileiras (100%), de cor parda (53%), estando na faixa etária entre 18 e 29 anos (94%) e cursando o 1º semestre do BI em Saúde (100%). Os dados foram coletados durante a extensão universitária “AIDS - Educar para Desmitificar”, no ano de 2017, através da aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras, e processados pelos *softwares* IRAMUTEC, onde foi elaborada a árvore máxima de similitude e a nuvem de palavras. Os termos mais prontamente evocados pelas estudantes foram *preconceito, doença, preservativo e vírus*. Percebe-se que ainda existe forte representação do HIV como doença e que o preconceito é percebido como uma (se não a) principal dificuldade a se ser enfrentada por aquele(a)s que (com)vivem com o HIV/AIDS. O preservativo é associado como a principal barreira à transmissão do vírus.

Palavras-chave: HIV, Estudantes Universitárias, Mulheres, Saúde, Representações.

Introdução

A descoberta de uma nova epidemia, que viria a ser chamada de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), é tida, por alguns autores, como um marco na história e, ao longo do tempo, veio sofrendo transformações no seu perfil, de acordo com fatores demográficos, políticos e socioeconômicos (BRITO et al., 2001). A década de 80 é marcada pela percepção equivocada de que a infecção só acometia grupos específicos de pessoas (homossexuais, hemofílicos, haitianos, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis), os chamados ‘grupos de risco’ (COELHO; SANTOS; ALMEIDA, 2016). Dessa forma, inicia-se a reprodução de uma violência simbólica em relação às pessoas que integram tais ‘grupos de risco’ (BOURDIEU; PASSERON, 1977).

Através da atuação diversificada de alguns grupos sociais, em especial a comunidade homossexual e o movimento feminista no decorrer das décadas de 80 e 90, observa-se um processo de implementação de políticas democráticas, que contribuíram para o surgimento das primeiras organizações não governamentais (ONGs), que buscavam auxiliar os portadores da síndrome. Ao longo da década de 80 essas organizações intensificaram o desenvolvimento de projetos, planos e estratégias para conter, acolher e reduzir os números de novos casos, tendo futuramente o suporte financeiro do Estado (GOHN, 2007).

Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, a comunidade homossexual entra em luta contra as discriminações, estereótipos e violências sofridas pelas pessoas soropositivas e, através da mídia, expõe os equívocos inerentes à ideia de grupo de risco. Dessa forma, a comunidade homossexual passa a realizar protestos, a fim de tornar pública a dimensão do preconceito, que era reforçado nos meios de comunicação através da representação da síndrome como “câncer gay” (FACCHINI, 2002).

Rocha et al (2013, p.119) afirmam que “a epidemia da AIDS segue como um importante paradigma para analisarmos as desigualdades sociais, econômicas, de gênero, raça e a vivência da sexualidade” e que “a vulnerabilidade das mulheres à infecção do HIV, em que pesem determinações biológicas, agrava-se em situações de desigualdade de gênero”, sejam estas desigualdades econômicas, religiosas ou socioculturais, muitas vezes resultando na falta de autonomia feminina, marcada pela hierarquização das relações de gênero.

Nesse sentido, Duarte et al (2014) trazem que essa vulnerabilidade sofrida pelas mulheres seria consequência dos mais diversos fatores sociais, dentre eles a própria anatomia sexual feminina, que tornaria a mulher mais susceptível à infecção, além de fatores socioeconômicos, culturais, políticos, legais e, principalmente, as desigualdades de poder com base nos gêneros.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) recomenda que, atualmente, deve se considerar a ideia de ‘comportamento de risco’, uma vez que as infecções se disseminaram de tal forma que se encontram pessoas com sorologia positiva para o HIV em todos os níveis socioedemográficos da sociedade. De acordo com o Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS (BRASIL, 2016), do Ministério da Saúde, entre os anos de 1980 até junho de 2016 foram registrados no Brasil 293.685 casos de AIDS em mulheres.

Considerando essa exposição ao vírus e a feminização dessa pandemia, é justificado o foco deste trabalho no âmbito das representações das mulheres acerca do HIV/AIDS, principalmente entre as jovens, que constitui o segmento em que maior cresce o número de casos. Nesse sentido, conhecer essas representações se mostra de exímia importância para a prática da educação em saúde, no processo da formação superior, possibilitando a transmissão de novos conhecimentos frente ao HIV/AIDS.

Nessa perspectiva, este estudo busca identificar como as estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) representam o HIV, assim como analisar seu conhecimento sobre os comportamentos de risco. Para tanto, foi utilizado o aporte da Teoria das Representações Sociais, com foco na abordagem estrutural, também conhecida como Teoria do Núcleo Central, desenvolvida por Jean-Claude Abric (NÓBREGA; COUTINHO, 2003).

Metodologia

Este é um estudo descritivo e analítico, de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados durante a atividade de extensão ‘AIDS - Educar para Desmitificar’, no dia 25 de Maio de 2017, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da UFBA. Estabeleceu-se como critério de inclusão nesta pesquisa estar regularmente matriculada no BIS, ter idade igual ou superior a 18 anos e se identificar como mulher. Participaram deste estudo 34 estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário com questões contendo dados sociodemográficos e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). O TALP, originalmente desenvolvido por *Carl Gustav Jung*, em 1905, para uso na prática clínica, tem como objetivo realizar diagnóstico psicológico sobre a estrutura da personalidade. Enquanto técnica projetiva, atua sobre a estrutura psicológica do sujeito (NÓBREGA; COUTINHO, 2003). O TALP foi adaptado no campo da psicologia social por Di Giácomo, em 1981. Desde então, tem sido amplamente utilizado em pesquisas de representações sociais.

A aplicação do TALP consistiu em solicitar às estudantes que, levando em consideração o termo indutor “HIV”, atribuísem cinco palavras que julgassem pertinentes a este termo. Em seguida, foi solicitado que hierarquizassem as palavras evocadas em ordem de relevância, sendo a 1ª a mais importante, a 2ª a segunda mais importante, e assim sucessivamente. Por último, pediu-se que justificassem a escolha da palavra tida como a mais importante.

Para a análise e processamento dos dados, foi utilizado o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour Les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), pelo fato de possibilitar diferentes análises estatísticas. Para o processamento de dados, foi utilizada a ferramenta da ‘árvore máxima de similitude’, que permite identificar as co-ocorrências dos termos através da análise frequencial entre as evocações, resultante da conexidade entre elas, além da ferramenta Nuvem de Palavras, que organiza graficamente as palavras em função da sua frequência, tratando-se de uma análise lexical mais simples, porém graficamente ‘satisfatória’ (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Resultados

Com base nas respostas das participantes, podemos constatar que 85% se identificaram como heterossexuais, 3% como lésbicas, 6% como bissexuais e 6% como alguma outra identificação. Em relação à cor autodeclarada, 53% se declararam como pardas, 20,5% como pretas, 20,5% como brancas e 6% como amarelas. 94% das participantes alegaram ter menos de 29 anos de idade e todas estavam cursando o 1º semestre do BI em Saúde.

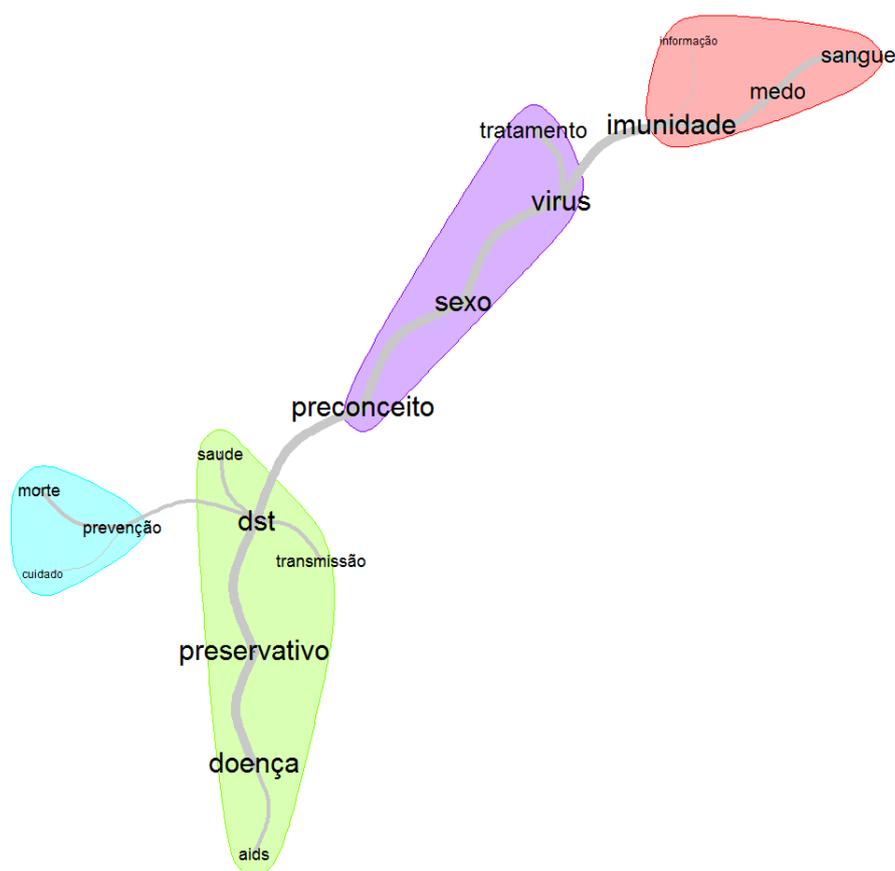
Figura 1. Ferramenta de nuvem de palavras para o estímulo indutor “HIV” entre estudantes universitárias, Salvador, Bahia, Brasil, 2017 (n=34).



Visualmente pode-se perceber que os termos mais evocados pelas estudantes foram *preconceito*, *doença*, *preservativo*, *vírus* e *sexo*, sendo ‘preconceito’ a representação mais frequente entre as estudantes. De acordo com a participante ACCJ, “a palavra preconceito é a mais forte em

minha mente quando se fala em HIV pois, dentro dessa questão, ainda existe uma falta de conhecimento popular muito grande”.

Figura 2. Análise de similitude ao termo indutor “HIV” para as estudantes universitárias, Salvador, Bahia, Brasil.



A análise de similitude é fortemente utilizada no campo das representações sociais por possibilitar a identificação das coocorrências entre as palavras. Seu resultado traz indicações da conexidade entre as evocações, auxiliando na identificação da estrutura da representação. Nesse aspecto, a estrutura da árvore de similitude sublinha a centralidade da ideia de “preconceito” no campo representacional em análise e demonstra forte relação entre esta e os elementos “sexo” e “DST”.

Pode-se observar, na Figura 2, que as palavras *preconceito* (22), *sexo* (13), *vírus* (18) e *DST* (7) demonstram maior centralidade e importância para a ligação estabelecida entre esses elementos, especialmente considerando-se o tamanho da fonte e a espessura das linhas que ligam um termo a outro. Além disso, essa estrutura permite identificar que, para as estudantes, o ‘preconceito’ está

fortemente associado aos elementos ‘DST’, ‘transmissão’ e ‘saúde’. A disposição das palavras na árvore representa a variedade de sentidos, valores e símbolos, indicando estreita articulação entre os diversos elementos conotados pelas estudantes.

Discussão

As respostas encontradas sugerem que existe uma forte associação entre HIV e ‘preconceito’, que se reflete nas respostas das estudantes. Segundo a participante MAS, “O vírus da AIDS ainda proporciona um estigma muito grande na sociedade. Estigma de morte, medo e contaminação”. De acordo com a estudante LC, grande parte desse preconceito é consequência da desinformação das pessoas: “Através do não conhecimento do HIV/AIDS, cria-se uma estigmatização na sociedade, de onde deriva todo preconceito acerca do assunto”.

Além disso, fica clara a representação da camisinha como a principal barreira (física) à transmissão do vírus. De acordo com a estudante EBP, “A camisinha me lembra proteção e se usada corretamente no ato sexual, evita a transmissão do vírus”. O mesmo pensamento está presente na fala da estudante ACLV, ao afirmar que “A camisinha é o método eficaz para a prevenção da aquisição da mesma (HIV)”. Essas ideias vão ao encontro das recomendações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), que recomendam o sexo protegido como principal forma de prevenção às DST/AIDS.

Contudo, a utilização (ou não utilização) do preservativo não é igual para todos e fatores como relações conjugais/afetivas, orientação sexual, idade, escolaridade, etc. irão influenciar no grau de exposição (comportamento de risco) frente ao HIV e às outras DSTs. Nesse sentido, Madureira e Trentini (2008, p. 1810) afirmam que “A comunicação entre homem e mulher, bem como as habilidades de cada um na mesma, são essenciais nas estratégias de negociação do uso do preservativo”.

Assim, a maior vulnerabilidade feminina frente às infecções pelo vírus do HIV está diretamente relacionada com as diferenças de poder entre os sexos, conforme afirmam Silva e Vargens (2009, p. 403): “sabe-se que a desigualdade entre os sexos tem produzido historicamente uma submissão e inferiorização da mulher”; como consequência dessas desigualdades, “as mulheres têm menor liberdade em sua vida sexual e têm menos poder de decisão acerca do sexo sem proteção”. Esse aspecto é reforçado por Villela e Sanematsu (2003, p.08), ao afirmarem que “as relações sexuais desprotegidas por falta de poder de negociação do preservativo e os

comportamentos de risco adotados por seus parceiros contribuem para aumentar a vulnerabilidade das mulheres ao HIV”.

Além da prática sexual com a utilização do preservativo, diversos autores trazem a ‘informação’ como uma das principais formas de prevenção (e promoção da saúde). Podemos perceber traços desse pensamento tanto na fala da estudante TBS (“É importante pensar sobre a prevenção da doença causada quando há contágio com o vírus HIV, propondo medidas de educação e sensibilização da população em geral”), quanto na fala de SGRS (“Acredito que a desinformação é a grande causa de muitas pessoas ainda hoje terem relações sexuais desprotegidas. Pelo fato de toda campanha tocar sempre nos mesmos pontos e não haverem mais portadores e doentes “raquíticos” como em 1970”).

Embora, nesta pesquisa, apenas 3% das participantes tenha se identificado como lésbica, Rocha et al (2013, p.123) afirmam que “é emblemático o silêncio nas políticas de saúde acerca da relação entre mulheres lésbicas e AIDS”. Provavelmente isso se dá pelo fato do sexo entre mulheres homossexuais ainda ser tratado como um tabu. De acordo com as autoras, isso dificultaria o acesso adequado dessas mulheres aos serviços de saúde, assim como um comprometimento do conhecimento acerca das formas de prevenção do HIV/AIDS.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), a maior concentração de casos de HIV/AIDS está contida na faixa etária de 25 a 39 anos. Levando em consideração o Relatório do Perfil Socioeconômico e Cultural da(o)s estudantes de graduação das Universidades Federais Brasileiras, realizado pela ANDIFES (2011), podemos constatar que a(o)s estudantes universitária(o)s têm uma predominância etária próxima dos 24 anos (correspondente a 74,5% do total).

Sob essa perspectiva, se mostra de exímia importância a implementação de programas voltados para o público universitário, de modo que o Projeto de Extensão ‘AIDS - Educar para Desmitificar’ se mostra indispensável na luta para o combate da disseminação do HIV, através do diálogo com a(o)s estudantes, contribuindo, assim, para a desconstrução dos preconceitos relacionados ao HIV/AIDS. O Projeto de Extensão Universitária em questão acontece desde 2009 e, em cada encontro, são abordadas diferentes temáticas relacionadas ao HIV/AIDS, como formas de transmissão do vírus, tratamentos, políticas voltadas para as pessoas vivendo com HIV/AIDS, etc.

Conclusões

Ao analisarmos os termos evocados pelas estudantes como sendo os mais relevantes, podemos chegar a alguns questionamentos. Primeiro, fica clara a forte associação entre o HIV e o preconceito, sendo ‘preconceito’ o termo com o maior número de evocações. O HIV também foi associado aos termos ‘vírus’ e ‘sexo’, sendo a via sexual a principal forma de transmissão do vírus HIV. O termo ‘preservativo’ foi identificado como importante prática preventiva às infecções, conforme destacaram as estudantes, porém a prevenção ainda está (de certa forma) centrada no corpo dos homens (preservativo masculino), o que muitas vezes pode deixar as mulheres em desvantagem no que diz respeito ao uso da camisinha.

Assim, este estudo aponta para a importância da manutenção da atividade de extensão ‘AIDS - educar para desmitificar’ e para o desenvolvimento de novos projetos afins, como veículo de discussão e/ou reflexões sobre a temática, com o intuito de se identificar as representações dessas estudantes acerca do HIV/AIDS. Também revela a importância do desenvolvimento de atividades similares em outros espaços. Ele contribui para a formulação de estratégias para a educação em saúde, proporcionando reflexões e ações que influenciem na prevenção às infecções pelo HIV, bem como na redução do preconceito em relação às pessoas soropositivas.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras: relatório. Brasília: ANDIFES, 2011. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf>. Acesso em 10 jul. 2017.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. Reproduction in education, society and culture. London: Sage, 1977. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000136&pid=S0102-4698200700010001000008&lng=en>. Acesso em 15 Ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. AIDS. Brasília, DF, 28 Jan. 2014. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/286-aids/9049-o-que-e-aids>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico – Hiv e Aids. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2016/59291/boletim_2016_1_pdf_16375.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BRITO, A. M.; CASTILHO, E. A.; SZWARCOWALD, C.L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., Uberaba, v. 34, n. 2, p. 207-217, Apr. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822001000200010>>. Acesso em: 10 jul. 2016

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em 11 jul. 2017

COELHO, M. T. Á. D.; SANTOS, V. P.; ALMEIDA, G. K. S. O nível de informação de jovens universitárias do bacharelado interdisciplinar em saúde da UFBA acerca do HIV/AIDS. In: COELHO, M. T. Á. D.; TEIXEIRA, C. F. S. (Org.). *Interdisciplinaridade na educação superior: o bacharelado em saúde*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 149-157.

DUARTE, Marli Teresinha Cassamassimo; PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima; SOUZA, Lenice do Rosário de. Vulnerabilidade de mulheres vivendo com HIV/Aids. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.22, n.1, p.68-75, Feb. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692014000100068&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.2837.2377>.

FACCHINI, Regina. "Sopa de Letrinhas"? – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000100014>. Acesso em 16 Ago. 2017.

GOHN, MG. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ª ed. São Paulo: Loyola; 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S1414-4980201300010000700008&lng=en&pid=S1414-49802013000100007>> Acesso em 16 Ago. 2017.

MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello; TRENTINI, Mercedes. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/aids. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.13, n.6, p.1807-1816, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600015&lng=en&nrm=iso>. Access on 16 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000600015>.

NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. et al. (Orgs.). *Representações sociais: abordagem interdisciplinar*. João Pessoa: EdUFPB, 2003. p. 67-77.

ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana; LYRA, Jorge. Silenciosa conveniência: mulheres e Aids. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n.11, p.119-141, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200005>

SILVA, Carla Marins; VARGENS, Octavio Muniz da Costa. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v.43, n.2, p.401-406, June 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200020&lng=en&nrm=iso>. Access on 16 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000200020>.

VILLELA, Wilza Vieira & SANEMATSU, Marisa (2003). "Mulheres com HIV/Aids, elementos para a construção de direitos e qualidade de vida", em INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (org.), *Dossiê Mulheres com HIV/AIDS*. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S0103-3352201300020000500038&lng=en&pid=S0103-33522013000200005>> Acesso em: 13 jul. 2017